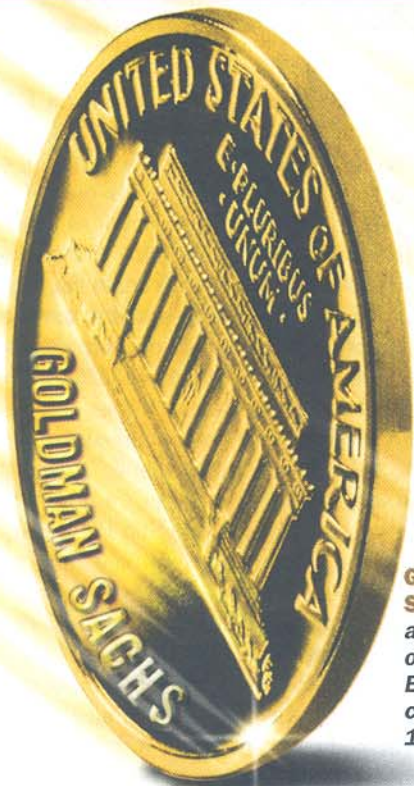


BANCOS AMERICANOS RETORNAM AO

BRASIL E NÃO MEDEM



GOLDMAN SACHS:
aumento das operações no Brasil exigirá a contratação de 100 executivos



LEHMAN BROTHERS:
o brasileiro Roberto Moraes comandará os negócios no País

JP MORGAN:
investida dos concorrentes obrigou o banco a procurar um novo executivo

OS estrangeiros ESTÃO VOLTANDO

MÁRCIO KROEHN

Há uma ebulição movida a milhões nos escritórios dos principais bancos de investimento do País. Depois de anos encolhendo suas equipes – e reduzindo suas operações no Brasil –, algumas das maiores instituições americanas decidiram voltar ao ataque e retomar suas apostas por aqui. E, para isso, estão à caça de executivos de primeiro escalão. Com grifes de Wall Street como Goldman Sachs e Lehman Brothers se movimentando, pelo menos um efeito já está sendo sentido: a explosão na remuneração dos profissionais do topo da pirâmide do mercado financeiro com, como tem se

ouvido nos corredores das instituições, um “inflacionamento” no pacote de benefícios. A segunda consequência dessa agressividade é a rotatividade nas equipes, não só dos bancos nacionais como também entre os próprios estrangeiros. O também americano JP Morgan, já com estrutura enxuta no País, sentiu a investida e viu um profissional estratégico ceder ao assédio de um dos concorrentes. Agora, está atrás de um novo executivo. E o movimento não se restringe aos



MARCELO DE LUCCA:
o mercado brasileiro está remunerando melhor que o americano

ESFORÇOS PARA ATRAIR OS MELHORES PROFISSIONAIS

Finanças



americanos. Recentemente o francês Societé General adquiriu por R\$ 900 milhões o controle do Cacique. E a expectativa é com a definição da aquisição do holandês ABN Amro pelo britânico Barclays para conhecer o futuro das operações no País.

“A remuneração do mercado brasileiro está mais agressiva que a do americano”, diz Marcelo de Lucca, diretor da Michael Page International, empresa inglesa de recrutamento de executivos que está no Brasil desde 2000. Uma executiva já teria sido seduzida a inte-

grar a equipe do Goldman pela bagatela de US\$ 7 milhões de bônus por dois anos de contrato. A assessoria do Goldman informa que esse valor estaria distante da remuneração média de mercado. Em tom de brincadeira, porém, um executivo comentou: “O que são alguns milhões para alguém que pode gerar muitos bilhões?” Nos Estados Unidos, o mesmo Goldman pagou uma média de US\$ 600 mil por empregado de remuneração extra no ano passado – só para o presidente foram US\$ 54 milhões. Por aqui o suíço Credit Suisse premiou os funcionários com uma média de US\$ 350 mil.

“Nessa estruturação dos bancos no País não é raro encontrar pacotes de US\$ 1 milhão”, conta De Lucca.

O pacote contratual envolve uma remuneração fixa, um bônus e opções, que geralmente são ações. “Nesses

contratos, o profissional se compromete a ficar no banco por um período determinado”, esclarece Juliana Zuccarello, consultora da divisão de mercado financeiro da Case Consulting. Há alguns anos o caminho percorrido pelos bancos estrangeiros era o contrário. O

Lehman deixou o Brasil em 2003 e a operação do Goldman era apenas a de auxiliar fusões e aquisições. Agora, uma centena de profissionais irá equipar os planos de negócio do presidente Eduardo Centola. Por sua vez, o Lehman tem se concentrado em cativar os melhores profissionais. O cargo mais poderoso no

Brasil será de Roberto Moraes que já era da equipe do banco em Nova York. “São bancos que atraem os profissionais”, diz De Lucca. “Eles não estão medindo o preço para buscar os melhores talentos do mercado.”

US\$
1
MILHÃO
é a média de
remuneração para
os executivos